

## CINECLUBISMO E EDUCAÇÃO: PRODUÇÃO DE CINEMA COMO DISPOSITIVO

Claudia Maria Perrone

Rosangela Tellier Montagner

Vilson Carlos Simborski Menezes

**Resumo:** A escrita que será apresentada a seguir está baseada na trajetória de exibição e democratização do audiovisual nacional através do Cineclio Cineclubes Santiaguense, que é um cineclubes situado em Santiago, Rio Grande do Sul, articulando à experiência junto aos Pequenos Cineastas, projeto de produção de cinema realizado por/com estudantes de uma escola do interior do estado do Rio Grande do Sul. Logo, nossa forma de analisar e expor as ideias é fruto do relato da experiência ocorrida em 2014. Com isso, este trabalho é resultado de uma vivência potente que pode, e talvez deva, ser reproduzida e aperfeiçoada em outros locais a partir de uma perspectiva aberta, exploratória, criativa e co-construída entre escolas, agentes culturais, estudantes e a comunidade.

**Palavras-chaves:** Cineclubismo. Produção de cinema. Pequenos Cineastas.

### Introdução

Este artigo visa debater sobre as possibilidades de articulação entre o cinema e educação através da produção audiovisual. Desse modo, ilustraremos a compreensão cineclubista de fruição do cinema para, após, apresentarmos a parceria entre o Cineclio Cineclubes Santiaguense e uma escola de Santiago, explorando a experiência ao longo dessa parceria. Com isso, abordaremos as relações entre cinema, educação, cineclubismo, cultura, direitos humanos, cidadania e produção audiovisual. Portanto, seguiremos uma trajetória de análise sobre o projeto Pequenos Cineastas (PC), desde sua criação até o encerramento das atividades em 2014.

### 1 Desenvolvimento

Em primeira análise utilizamos a noção de dispositivo de DELEUZE (1996) que parte da compreensão de que esse é um conjunto multidimensional, composto por variadas linhas

de ação, de política e de linguagem das mais variadas composições. É nessa perspectiva que trataremos a produção de cinema em escolas, enquanto intensão de provocar novas linhas de entendimentos sobre o mundo que cerca os alunos, provocando desvios e subversões na forma tradicional de conceber o ensino. Esse conceito é importante pois transversaliza a escrita e a prática desse trabalho.

A partir disso, de onde surge o cineclubismo? No Brasil o cineclubismo inicia em 1928 com o Chaplin Club, no Rio de Janeiro. Os cineclubes nasceram como resposta às necessidades que as salas comerciais não atendiam, ou seja, a popularização de diversas produções cinematográficas que não eram acessíveis ao grande público. Com isso, um cineclubes também tem a finalidade de exibir filmes como os curtas e médias metragens, que costumeiramente não são exibidos no circuito comercial.

Desse modo, o cineclubes é um local de exibição e discussão de filmes que tem como intuito a formação do público sobre a arte cinematográfica. Por não ser mero lazer cultural ou entretenimento, não pode ser confundindo com cinema comercial. Dessa forma um cineclubes não tem fins lucrativos e o acesso do público é livre. Todo cineclubes tem um estrutura democrática, tanto na curadoria dos filmes, quanto nas exibições e debates. Pode-se definir que um cineclubes se dedica à arte, à educação, à ética e a política (ANDRADE, 2010).

A partir das concepções cineclubistas o CineClio Cineclubes Santiaguense teve sua origem junto ao Curso de História da URI (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Santiago), através do projeto de extensão CineClio: Cinema, Educação e Cidadania. O passo seguinte foi associar-se ao Conselho Nacional de Cineclubes – CNC, o que lhe permitiu participar do Programa CINE MAIS CULTURA do Ministério da Cultura – MinC, sendo contemplado com equipamentos, capacitação e acesso aos filmes através da Programadora Brasil, o que lhe assegura promover sessões cineclubistas junto a Estação do Cinema, numa parceria entre a Universidade e a Prefeitura Municipal de Santiago.

O Cineclubes congrega três características fundamentais: não tem fins lucrativos; tem uma estrutura democrática e tem compromisso cultural e ético. Assim, a partir da utilização sistemática de filmes, de debates e de outras atividades baseadas nos mesmos, procura desenvolver nas pessoas uma visão crítica diferenciada, ou seja, uma cultura cineclubista que permita vislumbrar novas maneiras de ver o mundo. Tem como objetivos: Refletir sobre a linguagem do cinema, utilizando essa ferramenta para educação, repensando o cinema enquanto possibilidade transformadora de realidades. Através disso visa incentivar a leitura de

imagens entre crianças, jovens e adultos, afinando seus olhares para a riqueza e a diversidade das diferentes linguagens presentes no mundo.

A partir de um enfoque político busca a democratização da produção cultural, abrindo um espaço para que as pessoas envolvidas pela magia e o encantamento da tela exercitem juntos (as) as múltiplas possibilidades de leitura que a linguagem do cinema oferece. Através disso, realizamos a democratização da produção audiovisual, principalmente nacional, já que muitas dessas produções ficam inacessíveis ao grande público.

Outro objetivo é o de entreter a comunidade e familiarizá-la com o audiovisual, discutindo sobre as mensagens que um filme pode passar. Nesse sentido é que um cineclube não é mero entretenimento cultural, visto que a discussão após a exibição promove elaborações sobre o que foi visto. Com isso exibimos filmes que entretém o público e que, do mesmo modo, serve de (re)discussão de mundo, ou seja, uma sessão cineclubista é um dispositivo promotor de mudanças significativas de percepção da realidade, tais como posicionamento crítico.

Já a partir de um enfoque educativo há inúmeros cineclubes que tem suas atividades ligadas à(s) escola(s) e/ou em contato com as redes de ensino. Estes cineclubes geralmente trabalham com a preparação dos professores para discutir o papel e a linguagem dos meios de comunicação de massa nas escolas, onde se pretendem introduzir e aprofundar discussões a partir da exibição de filmes que abordam determinadas temáticas(DUARTE, 2002). Outras atividades relacionadas ao enfoque educativo dizem respeito ao contato com os estudantes, das mais variadas idades, onde se trabalha a linguagem cinematográfica, suas expressões, possibilidades, entendimentos e diversões.

Nessa perspectiva, desde sua criação em 2004, o Cineclio já realizou sessões com público de mais de quinze mil pessoas do município e região.

### **1.1 Produzir cinema em escola é possível? Como fazer?**

A intenção de produzir cinema através do cineclube tem início em 2013 quando o Governo Federal divulga o Edital do Programa Mais Cultura nas Escolas, momento em que o Cineclio é convidado a participar na organização do projeto e planejamento das atividades numa escola de Santiago. A instituição, que propunha essa aliança inovadora, já tinha como linhas de trabalho além das aulas, o acompanhamento pedagógico (reforço escolar) com leitura e produção de texto, letramento e alfabetização, matemática, português, além de

iniciativas na área das artes, cultura e educação patrimonial com oficina de dança e de música. Já na área da cultura digital possui laboratório de informática e na área do esporte e lazer tem atividades ligadas ao Futebol e futsal. Desse modo, entrariamos como uma atividade bastante diferenciada das já realizadas na escola, que era a de produzir cinema com os estudantes, a partir de atividades de um turno semanal.

Já em 2014 o Governo Federal divulga a lista de instituições que foram contempladas no programa e o projeto enviado pela escola foi um dos quase cinco mil selecionados em todo o Brasil. O edital disponibilizaria vinte mil reais para execução do projeto, dividindo o orçamento em quesitos como monitores, parceiros culturais e equipamentos. Como num primeiro momento a verba foi de 50% do valor que esperávamos receber, necessitamos reorganizar algumas questões relativas ao projeto tais como a compra dos equipamentos. Em reunião entre escola e equipe do Cineclio ficou decidido que compraríamos quatro câmeras. Cabe citar que as duas pessoas do cineclubes que estariam envolvidas no projeto não têm formação em cinema ou outras quaisquer ligadas ao audiovisual, mas uma experiência importante no cenário da exibição de filmes. Ou seja, havia vontade, ideias e intenções, mas pouca prática com as câmeras.

A partir disso, nos reunimos com a escola para definição dos estudantes que fariam parte do projeto nascente. Definimos que iria integrar a atividade estudantes de várias idades, de diferentes séries, moradores de diferentes locais da comunidade e com situações diversas de rendimentos escolares. Foram convidados vinte e dois estudantes que fariam parte do projeto.

É necessário realizarmos uma interrupção na explanação sobre o projeto para debater algumas noções teóricas e as nossas intenções para, após, realizar uma exposição do que foi alcançado ao longo do projeto.

## **1.2 É possível produzir só cinema?**

Para PASOLINI (1982):

o cinema não evoca a realidade como a língua da literatura; não copia a realidade como a pintura; não mima a realidade como o teatro. O cinema reproduz a realidade: imagem e som! E reproduzindo a realidade, que faz o cinema então? Expressa a realidade pela realidade (p. 107).

Ao expressar a realidade deste modo, percebemos que a atividade cineclubista efetiva o acesso ao cinema alicerçada em três eixos: Educação, Cultura e Direitos Humanos. Mas por quê?

(Re) produz cultura, pois discute o conhecimento e a ação humana em suas variadas formas. Reproduz, pois exibe filmes que contam histórias, que ilustram culturas, mas que também às discute e reflete sobre suas formas de ser. Com isso, efetiva uma nova produção de pensamento e de existir no mundo, onde se discutem as crenças, as artes, as leis, a moral, a ética, a política, a estética e os hábitos de uma sociedade.

Além disso, promove e reflete sobre a educação, pois se utiliza do cinema enquanto ferramenta pedagógica. Nessa perspectiva DUARTE (2002) comenta que:

Na maior parte das vezes, os estudantes são levados a considerar a possibilidade de uma mesma situação ser vista e compreendida de formas profundamente diferentes. Nessas ocasiões são frequentes os comentários do tipo: “Jamais havia pensado nisso por esse ângulo” (p. 90).

Ou seja, o filme proporciona a ilustração e visualização sobre os pontos de articulação entre a realidade e a ficção, entre o indivíduo e a sociedade, entre o poético e o estético. Ao compreender um filme de diversos ângulos, e motivados pela discussão pós filme, os estudantes são levados a refletir sobre a realidade de uma forma que não lhes era evidente.

Logo, o cinema tem estado engajado na tarefa de orientar e esclarecer o público, sendo fácil entender o motivo do interesse dos profissionais da educação em utilizar-se deste recurso como ferramenta em sala de aula, proporcionando a diversificação dos prismas pelos quais podemos analisar determinados temas, momento em que é permitida a abertura na construção de posicionamentos críticos e, conseqüentemente, mais responsáveis (DUARTE, 2002).

Outro aspecto importante do uso da obra cinematográfica em ambiente educacional é a capacidade de comunicação por meio da imagem, proporcionando um relacionamento tanto interdisciplinar, quanto multidisciplinar, permitindo uma complementação entre as distintas áreas do saber.

Desse modo:

A escola precisa abrir espaço para as novas expressões discursivas e narrativas que brotam na vida das comunidades. Estar aberta ao bairro e ser também local de produção cultural no sentido mesmo da ênfase e apoio à produção criativa, isto é incorporar as práticas culturais dos estudantes (OROFINO, 2005, p. 123).

Ou seja, a escola deve ampliar seu olhar e seu alcance educacional para além dos muros da escola e necessita reconhecer que a produção criativa e não alienada deve compor em conjunto com as práticas culturais da comunidade. Portanto, se uma escola está inserida numa comunidade em que os estudantes escutam Hip-hop, Funk, MPB ou Samba, isso vai versar sobre a realidade sociocultural desses estudantes e isso irá influenciar o processo educacional. Ou seja, a escola deve (re)conhecer seu território geográfico-existencial e deixar de ficar somente preocupada com rendimentos escolares específicos e descontextualizados do meio social.

Essa forma de conceber o ensino conta com movimento cineclubista como um aliado, pois tem a ver com leitura do mundo, com letramento, com alfabetização global, que envolve não apenas o domínio da técnica da leitura e da escrita, mas a possibilidade de perceber, de “ler”, interpretar as ocorrências que se desenvolvem à sua volta, na interação com os demais sujeitos no seu contexto social. O efeito disso está na possibilidade de se relacionar com outros contextos, inclusive do passado, comparando, criticando, propondo ajustes, novas relações e organizações. (ANDRADE, 2010, p. 213).

Desse modo:

O cinema muitas vezes se torna outro ponto de encontro. Encontro entre os “eus” que nos carregam e os “eus” que representamos. Encontro entre nós e os outros. Encontro entre o passado e o presente, entre o presente e o futuro. Esses tempos que se transformam continuamente, deixando-nos, muitas vezes, confusos. O cinema media a vida do docente e do estudante (REALI, 2007, p. 136).

Ou seja, faz as vias da realidade e da realização entre a vida que é de todos, entre o cultural com as formas de ser singulares e sociais. Logo, aproxima o professor e o estudante, pois os “coloca num mesmo mundo” e em diálogo. A partir da exibição de um filme esses dois agentes em produção se veem num diálogo que é mais que técnico-teórico, é de uma leitura de mundo na intensidade de percepção das coisas. Não há conteúdos a serem expostos e apreendidos, mas cenas, ilustrações, ilusões e vertigens que dizem das formas como percebemos as coisas que nos rodeiam. São as histórias de uma sociedade e/ou de uma área do conhecimento. É um conjunto de histórias que vão compor em conjunto no diálogo entre professor e aluno, colocando os dois como ativos na produção do conhecimento. Como afirma OROFINO (2005)

Afinal, ao contrário da televisão, cuja produção é centralizada, o vídeo tem um efeito muito mais subversivo e multiplicador a partir da capacidade de transitar por

circuitos paralelos e do seu potencial enriquecedor em encontros e reuniões comunitárias (p. 125).

Ou seja, “O cinema se transformou em uma riquíssima ferramenta de análise, reflexão e compreensão do mundo e da humanidade, podendo transformar-se em um verdadeiro debate coletivo” (REALI, 2007, p. 135).

Desse modo, DUARTE (2002) afirma que: “ver um filme é tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (p. 17). Entretanto, no cinema convencional saímos da sala do cinema e vamos para nossas casas sem conversar sobre o que foi visto ou no máximo acontece um “que achou do filme?”, e ecoa uma voz distante: “bom!”. Já na perspectiva cineclubista a intenção é a de fazer falar, de debater, de refletir sobre o que foi exibido. Logo, se nas salas de cinema comuns saímos como se nada tivesse acontecido, nas salas cineclubistas saímos evidentemente diferentes de como entramos (GOULART, 2003), pois o diálogo ali produzido faz com que as pessoas reflitam e discutam expressando pontos de vista diversos que repercutem num emaranhado de outras compreensões da realidade.

Nessa mesma perspectiva de análise GOULART (2003) comenta que:

O modo como a escola se organiza, as reações à nova professora, a concepção de ensino-aprendizagem e de formação humana, a questão salarial, o trabalho infantil, a fome, a pobreza. Todo esse conjunto de destaques heterogêneos envolve ações, carências, relações de poder e sentimentos, analisáveis pelo prisma ético-político. Todos envolvem a materialidade humana que nos identifica como pertencentes a um mesmo mundo (p. 183).

## **2 Resultados**

Apresentaremos como resultado o Projeto Pequenos Cineastas na inter-relação cinema e educação, detalhando possíveis entendimentos.

### **2.1 Cinema como prática social: pequenos cineastas**

Em primeira análise: Há diferenciação entre Cinema e Filme? O filme é a produção audiovisual exibida na parede branca, ou seja, é o resultado da produção de cinema. Produzir cinema está bastante além do que é exibido nas telas dos cinemas e cineclubes. O cinema envolve-se com produção de roteiros, com a constituição de várias etapas de um filme, com



seleção de histórias e imagens, com a amizade entre os agentes culturais e os estudantes-atores do processo de produção de cinema (REALI, 2007).

Na produção audiovisual é crucial o debate sobre a questão: O que queremos mostrar? Para quem mostrar? E com que intenção mostrar? Essa pontuação é importante, pois, chegando à escola queríamos produzir cinema, mas também produzir laços de amizade e conhecer as realidades socioculturais e conviver com os estudantes. A partir desse encontro é que pensaríamos na produção do filme especificamente. Após o início de estreitamento afetivo com os estudantes ficou definido a produção de um documentário sobre a comunidade em que a escola está inserida.

Já em segunda análise: Como desconstituir a separação social feita entre os muros da universidade (saber científico) e os da comunidade (saber comum)? Pois sim! Exibíamos filme para a comunidade. Sim! Estávamos na comunidade. Mas podíamos mais, e esse a mais era produzir filmes das/nas comunidades. O muro que separa o ensino superior das escolas em geral precisava, e em muitos locais ainda precisa, ser quebrado ou repensado para que haja ligação mais estreita entre teoria e prática e entre realidade, ciência e ficção. Desse modo a reflexão sobre a função social da escola e da universidade enquanto instituições de ensino se fez necessária. Logo, partimos da concepção que fazer cinema significava se expressar, manifestar sensações e sentimentos, realidades e fantasias.

Nesse caso, o projeto Pequenos Cineastas somente foi possível, pois houve:

O intercâmbio, a troca, a cumplicidade, enfim, a escola aberta para pensar e conhecer outros modos de viver e conhecer o mundo, assegurando um espaço de constituição política, de formação humana e de questionamento para a ampliação do conhecimento de meninos e meninas. (GOULART, 2003, 184).

Ao final do primeiro encontro deixamos em aberto para quem não quisesse participar do projeto poderia, em qualquer momento, falar conosco e comunicar a direção da escola.

Na segunda semana do projeto encontravam-se na sala 20 estudantes, momento em que reforçamos as ideias do projeto e propusemos que os estudantes criassem um nome e uma logomarca para o projeto. Ao final do encontro uma estudante diz: Pequenos Cineastas! Iniciamos uma votação e decidiu-se que esse seria o nome do projeto a partir de então. Nesse encontro exibimos filmes como Leonel pé de vento, Direção de Jair Giacomini, e Vida Maria, Direção de Márcio Ramos. Após realizamos um debate sobre os filmes.

Já no terceiro encontro exibimos os filmes: 10 Centavos, Direção de César Fernando de Oliveira, e A Fábula da Corrupção, Direção de Lisandro Santos. Novamente debatemos os



temas que mais pareciam paradigmáticas para os estudantes. Compreende-se que: “A projeção de filmes pode estimular debates e reflexões críticas dos estudantes a cerca de fatos e problemas históricos, culturais, sociais, econômicos e políticos da sociedade” (CARVALHO, 2007, p. 53).

No quarto encontro percebemos a curiosidade de alguns alunos em conhecerem a universidade e os convidamos passear pela mesma. Além da visita havíamos preparado uma sala de informática, com internet disponível, onde os estudantes poderiam visitar sites sobre cinema e também conhecer mais sobre o programa Windows Live Movie Maker. Essa era uma das quebras que desejávamos realizar: Trazer a comunidade para dentro da universidade e transformar os estudantes em usuários dessa, para que não passassem apenas como visitantes desconhecidos e passivos vislumbrando um universo distante.

Já no quinto encontro as câmeras filmadoras chegaram à escola e iniciamos as atividades de filmagem com um exercício simples em que dois estudantes filmavam outros dois que se faziam perguntas simples como: Qual seu nome? Aonde você estuda? O que faz na escola? E fora dela? Essa atividade foi pensada com a intenção de colocar os estudantes frente às câmeras no sentido de ser visto por ela, mas também de manejá-la. No sexto encontro foi realizada a mesma atividade com estudantes que não estavam na semana anterior. Algumas vezes um ou outro estudante se sentia envergonhado e não queria participar da filmagem e os deixávamos livres para participarem ou não. Compreendemos que essa era a atitude que marcava uma diferença didática e pedagógica com relação ao ensino contemporâneo e isso não significava despreocupação, mas responsabilização dos estudantes frente às suas vontades. Desse modo, assim que um estudante dizia não querer participar de uma oficina a atividade seguia normalmente e, logo após, um dos agentes culturais chegava próximo a esse adolescente para conversar e saber os motivos de não querer participar da atividade. Percebemos que a atenção dada ao estudante e a escuta efetivada nesse momento estabelecia um laço de confiança com o agente educacional, pois o cuidado que era disponibilizado a cada demanda que surgia ia sendo trabalhado com cada estudante.

No sexto encontro realizamos gravações na escola e, com liberação da direção, gravamos aulas que estavam em andamento, bem como funcionários que trabalhavam na secretaria e na limpeza da escola. Esse instante foi importante por marcar o início das saídas da sala fechada para caminhar pelo/através do universo desses estudantes. Outra situação que chamou-nos atenção foi que havia lugares na escola que os estudantes não conheciam, ou seja, alunos de sexta e sétima séries do ensino fundamental, que circulavam por aquele espaço

dois turnos diários não conheciam o espaço que estava a sua disposição. Nesse sentido o projeto marcava também um sentido simbólico: A escola é de vocês! Vocês podem e devem conhecê-la e entendê-la.

Já do sétimo encontro aos próximos dois meses seguintes todas as atividades foram realizadas fora da escola e consistiam em sair para lugares que os estudantes considerassem importantes para a vida da comunidade. Elaboramos em conjunto um “mapa” com pessoas e instituições que seriam entrevistadas para compor o documentário. Assim sendo, visitamos lugares como o Horto Florestal da cidade, local em que diversas plantas e árvores são produzida; Visitamos o Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) da comunidade; Visitamos também O ESF (Estratégia Saúde da Família) localizado no bairro para conhecer e filmar a atual situação de saúde da comunidade; Assim como a Associação de bairro da comunidade. Conhecemos A APAE de Santiago que se situa nessa comunidade produziu efeitos interessante nos estudantes que estiveram atentos à estrutura da escola e sensíveis à realidade que estavam filmando, uma vez que apenas um de nossos vinte pequenos cineastas já havia vivenciado essa instituição. Percorremos a EMEI da comunidade que se situa ao lado da escola e onde alguns irmãos dos estudantes se encontravam em atividades. Todos esses locais visitados foram sendo discutidos com os estudantes, uma vez que íamos e voltávamos caminhando, ou seja, tínhamos um tempo de “passeio” com os estudantes que ia oportunizando tecer compreensões de mundo sobre os locais visitados, sobre o que era a comunidade, ou sobre o que eles gostariam que fosse essa comunidade.

Já em 10 de outubro de 2014 realizamos uma viagem para Santa Maria – RS, cidade distante 150 quilômetros de Santiago, e que realiza diversificadas atividades ligadas ao cinema. Chegando ao nosso destino conhecemos a TV OVO, local que desde a década de 90 realiza produções audiovisuais em comunidades carentes de Santa Maria. Foram exibidos filmes da TV e comentado sobre a origem do projeto, bem como as trajetórias realizadas ao longo de mais de vinte anos de atividades. Após o almoço visitamos CINEST, que é um Festival de Cinema Estudantil, que vem ocorrendo a alguns anos e com filmes de vários locais do país no auditório da CESMA (Cooperativa de Estudantes de Santa Maria). Nesse festival assistimos a filmes produzidos por estudantes de escolas da região e sentimos o que significava estar ali, vivenciar a situação de exibição de filmes com estudantes, por mais que não estivéssemos ali concorrendo como outras escolas. Já próximos ao entardecer fomos ao Planetário da Universidade Federal de Santa Maria, que realiza, em 3D, a trajetória da constituição das galáxias num jogo de sons intensos e imagens projetadas sobre um teto

côncavo. Essa última parada foi marcada pela conversa com os estudantes das diversas e possíveis atividades no cinema.

Assim, compreendemos que:

O cinema, como a literatura, faz com que vejamos os sujeitos em sua singularidade e, ao mesmo tempo, em sua dimensão coletiva e política, desnudando-lhes a subjetividade e a inserção social e histórica. Ajuda-nos, pois, a conhecer a realidade de ângulos diversos, a interpretá-la, abrindo-nos espaço para transformá-la a partir de cada um de nós e coletivamente. (GOULART, 2003, p. 186).

Após o retorno ainda percorremos a comunidade algumas vezes e conhecemos o Jôquei Clube de Santiago assim como outros locais da comunidade que ainda não havíamos filmado. Já na Feira do Livro de Santiago gravamos as atividades que a escola reproduzia como as oficinas de música, dança e teatro.

Já em dezembro nos encontramos novamente com os estudantes para fazer uma análise do que conseguimos produzir e sobre as percepções dos estudantes sobre o projeto. Os rostos e sorrisos dos estudantes desejando participar do projeto no próximo ano foram os indicativos de que alcançamos os objetivos mais importantes tais como a produção de um desejo pelo cinema, pela produção audiovisual e pela vivência em conjunto que vai compondo novos sentidos de vida.

Desse modo, compreendemos que:

Nesse encontro entre estudante e cinema, as sociedades e seus poderes são revelados, rasgados, metamorfoseados, mascarados. Tudo é possível em tempos de hiper-realidade. O Filme passa, então a ser um dos mais extraordinários instrumentos de debate, análise e compreensão das diferentes realidades que nos governam. O filme se transforma, ele mesmo, numa grande aula. (REALI, 2007, p. 137).

E concluímos que, nesse sentido, a produção de cinema se transforma, ela mesma, numa grande aula. Momento de cisão da forma habitual de compreensão do conhecimento com as formas que estão para além da tela, para além do habitual e para além do quadro negro. Com o documentário transformamos a realidade e a exibimos ao mundo através da exposição em espaços diversos. A partir disso entendemos que:

A linguagem do cinema por ser convergente e híbrida pode também ser utilizada para um potencial transdisciplinar, sobretudo rompendo não apenas com os limites que fragmentam as disciplinas, mas, principalmente, aquela fronteira rígida, histórica e que precisa ser superada, qual seja, a que separa a ciência da arte. Além do mais, a produção de vídeo rompe também com as estratégias disciplinadoras do

comportamento, na medida em que abre espaço para a criação, para a arte e oferece visibilidade para isso. (OROFINO, 2005, p. 126).

## **Considerações finais**

Consideramos que o ato de educar produzindo audiovisual pode alcançar caminhos e entradas muitas vezes esquecidas pelos agentes educacionais. Durante o projeto debatemos situações complexas como Meio Ambiente, família e sociedade, educação, saúde mental, esporte e lazer, e percebemos que se não fosse pela situação maleável que nos encontrávamos “passeando” entre o bairro, muito dificilmente acessaríamos os dilemas que esses estudantes vivenciam cotidianamente.

Nesse sentido “não acredito em fórmulas para ensinar. Acredito em possibilidades de aprendizagem que nascem da nossa capacidade de reinventar sempre” (REALI, 2007, p. 127). Reinventar, (re)criar, (re)produzir realidades e sensações que a produção do cinema evocam e demandam. Ou seja, que desse modo, consigamos olhar e tornar visíveis práticas pedagógicas que versam sobre as realidades e necessidades socioculturais. O cinema é um aliado, o cinema é ferramenta, o cinema é educação, o cinema é Cinema.

## **Referências**

- ANDRADE, João Batista. Cineclube, Cinema e Educação. In.: ALVES, Gionanni e Macedo, Felipe. **Cineclube, Cinema e Educação**. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2010.
- CARVALHO, Renata Innecco Bittencourt de. **Universidade midiaticizada: o uso da televisão e do cinema na educação superior**. Brasília: Senac-DF, 2007. 172 p.
- DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Ed. Veja – Passagens. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa, 1996.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GOULART, Cecília. Reinventando diálogos, vínculos, razões e sensibilidades. In: **A escola vai ao cinema**. Organizado por Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo Hereje**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.
- REALI, Noeli Gemelli. **Cinema da Universidade: Possibilidades, diálogos e diferenças**. Chapecó: Argos, 2007.